Dia 13 — São João Silenciário, Bispo e Confessor

São João, chamado Silenciário pelo profundo recolhimento e silêncio que guardou por espaço de muitos anos, nasceu em Nicópolis da Armênia no ano de 454. Seu pai Encrácio e sua mãe Eufêmia eram tão conhecidos no império do Oriente por seus muitos bens de fortuna e por sua antiga nobreza como pelos grandes empregos com que haviam sido honrados seus antepassados, pois um e outro contavam em sua família generais de exércitos e governadores de províncias; mas foram muito mais ilustres por sua exemplar piedade e assim tiveram grande cuidado de dar a seus filhos uma cristã educação.

Aproveitou-se bem dela nosso santo; pois, achando-se aos dezoito anos de sua idade herdeiro de um pingue patrimônio pela morte de seus pais, só se serviu dele para fazer maior seu sacrifício. Pela terna devoção à santíssima Virgem, que havia mamado com o leite, empregou tudo em edificar em Nicópolis uma magnífica igreja dedicada a esta Senhora e em fundar um mosteiro, em que ele mesmo se encerrou com outros dez companheiros escolhidos que, tendo deixado também tudo o que tinham, não queriam pensar em outra coisa que em sua eterna salvação.

A um princípio tão generoso e tão perfeito seguiu-se logo o exercício de todas as virtudes. A humildade foi desde logo a virtude de suas ternuras; teria-se dito que só tinha talento para humilhar-se. Suas vigílias, sua abstinência, suas penitências em tão terna idade sustentaram aquela pureza de corpo e alma que conservou toda a vida, e cada dia com maior aumento. Seu fervor e seus exemplos eram lições tão eficazes que cada um dos monges experimentava um vivo desejo de aperfeiçoar-se, vendo o jovem abade ir sempre diante de todos nos exercícios da vida regular. Era tão admirado por sua prudência, por sua suavidade e por sua discrição no governo como por sua eminente santidade. Ganhou o coração e a estima de todos os seus súditos; assim facilmente lhes serviu a todos de modelo e em breve tempo chegou a ser um seminário de santos o mosteiro de Nicópolis.

A mesma reputação de sua prudência e de sua virtude não permitiu aos monges gozar muito tempo do santo abade. Morreu o bispo de Colônia, e todos os votos do clero e do povo se uniram em favor do abade de Nicópolis; mas, como não se ignorasse sua repugnância a todo gênero de dignidades, foi mister valer-se de uma estratagema para vencê-la. O arcebispo de Sebaste, a quem como metropolitano tocava prover de bispo aquela igreja, confirmando a eleição do clero e povo, persuadido igualmente de que ninguém podia ocupar mais dignamente aquela cadeira que nosso João, ainda que então de idade de só vinte e oito anos, mandou chamá-lo com outro pretexto.

Apenas lhe fez a proposição do bispado, o santo moço sobressaltou-se; mas o arcebispo estava resolvido a não ceder a sua repugnância, especialmente quando ela mesma era uma nova prova do acerto da eleição. Foi preciso obedecer; e, recebidas as sagradas ordens, foi consagrado bispo com tanto aplauso como solenidade.

A nova dignidade em nada alterou seu antigo modo de viver. De nenhuma das mortificações que usava no mosteiro se dispensou; seguiu a mesma abstinência, o mesmo contínuo exercício de oração, a mesma humildade. Pelo amor que professava à pureza interditou-se para sempre o uso do banho, sem que a nova dignidade lhe servisse mais que para acrescentar as penitências de monge às apostólicas fadigas e solicitude pastoral de bispo.

À força de sua caridade, de seu zelo e das demais virtudes viu-se muito logo florescer a piedade em todo o bispado; mas não foram só suas ovelhas as que se aproveitaram de seus exemplos; até na própria corte penetrou a admiração de sua virtude. Fez tanta impressão em seu irmão Pérgamo e em seu primo Teodoro, ambos muito distintos e estimados no palácio dos imperadores, que, reformando seus costumes, foram um e outro modelo de cortesãos ajustados e exemplares.

Mas o gozo espiritual que lhe causou a conversão daqueles dois senhores temperou-se muito com a dor da caprichosa e menos cristã conduta de Pasínico, cunhado de nosso santo. Era governador da Armênia e, em lugar de contribuir para sustentar as santas intenções e o zelo do santo prelado, tudo perturbava dentro de sua mesma diocese. Estorvava os eclesiásticos o cumprimento de suas obrigações, molestava-os com todo gênero de vexações e violava a imunidade das igrejas. Valeu-se o santo bispo de rogos e de representações, mas muito inutilmente; e, vendo que o mal piorava cada dia, resolveu levar suas queixas ao imperador Zenão e partiu em pessoa para Constantinopla. O imperador lhe fez justiça; mas estes desgostos renovaram em seu espírito o amor à solidão e a aversão às dignidades com tanta força que, tendo posto ordem nos negócios do bispado, que tão prudentemente havia governado quase por espaço de dez anos, fez secretamente a renúncia e, desaparecendo de entre os eclesiásticos que o acompanhavam, embarcou-se só num navio e, sem dar-se a conhecer, passou à Palestina. Deteve-se alguns dias no hospital de Jerusalém, suplicando com lágrimas ao Senhor que o guiasse ao lugar que fosse mais a propósito para passar o resto de seus dias na obscuridade, desconhecido dos homens e ocupado unicamente no cuidado de sua salvação.

Achando-se uma noite em oração, advertiu que ia para ele uma estrela muito resplandecente em figura de cruz. Assombrado ao ver aquele fenômeno, ouviu ao mesmo tempo uma voz que lhe disse que a seguisse. Não se deteve nem um momento, e em breve tempo o conduziu a brilhante guia à Laura, isto é, ao mosteiro de São Sabas, onde viviam cento e cinquenta anacoretas.

Recebeu São Sabas a nosso santo sem conhecê-lo e desde logo o pôs às ordens do mordomo, a quem serviu como de criado. Os ofícios mais penosos e mais humildes eram os de seu maior gosto: ia por água ao arroio, servia de peão aos pedreiros que edificavam o hospital ou o hospício para os forasteiros, levando-lhes o entulho e as pedras. Admiravam-se todos à vista de sua apacibilidade, de sua devoção, de seu silêncio e de seu recolhimento. Aos trinta e oito anos de sua idade fizeram-no hospedeiro. Mas, reconhecendo São Sabas alguma coisa extraordinária naquele humilde súdito e admirando os dons que o Senhor havia depositado nele, concedeu-lhe uma cela para que se

retirasse a ela e se entregasse à contemplação: ali viveu três anos sem deixar-se ver de ninguém os cinco primeiros dias da semana, que passava quase sem alimento; no sábado e no domingo acudia à igreja, onde davam testemunho de sua terna devoção as lágrimas que derramava, especialmente enquanto se celebrava o santo sacrifício da missa.

Depois dos três anos fizeram-no mordomo; mas nem a contínua dissipação deste ofício ocasionou no habitual recolhimento de seu espírito distração alguma. Entretanto, admirando São Sabas cada dia mais e mais a eminente virtude de seu mordomo, julgou que não havia em todo o mosteiro sujeito mais digno de receber o sacerdócio que ele; e, sem falar-lhe palavra, levou-o consigo ao patriarca de Jerusalém e pediu-lhe que se servisse conferir àquele monge as ordens sagradas, fazendo-o sacerdote. O patriarca, sobre o testemunho de um homem como São Sabas, que assegurava não haver tido jamais religioso mais santo, mais capaz, nem mais perfeito, determinou ordená-lo. Vendo-se o servo de Deus obrigado a descobrir-se, pediu audiência secreta ao patriarca; e, depois de haver-lhe encarregado o segredo, declarou-lhe que era bispo. «A vista de minhas culpas, acrescentou, obrigou-me a renunciar o bispado e a retirar-me ao deserto para fazer penitência delas.» Igualmente assombrado que edificado, o patriarca chamou São Sabas e disse-lhe que aquele religioso lhe havia confiado em segredo certa coisa, em virtude da qual não o podia ordenar de sacerdote; e assim lho recomendava para que o deixasse no silêncio, sem permitir que ninguém o inquietasse.

Sensivelmente aflito o santo abade de haver-se enganado, ao que ele cria, no vantajoso conceito que havia formado da virtude daquele monge, tendo-o por digno do sacerdócio; inquieto sobre o estado interior daquele desconhecido religioso, retirou-se a uma gruta distante uma légua do mosteiro, onde, dobrando suas penitências e orações, pediu ao Senhor que lhe desse a conhecer se aquele homem, a quem ele havia julgado digno do sagrado ministério, era um vaso de eleição destinado para a glória ou um vaso de ira preparado para perecer eternamente. Ouviu Deus sua oração e percebeu uma voz que lhe disse que aquele religioso era um vaso de eleição, adornado com o caráter episcopal, e que nele tinha um tesouro escondido em seu mosteiro. Cheio São Sabas de gozo e de admiração, correu à cela do santo e, abraçando-o com ternura e com respeito: «Padre, disse-lhe, venho queixar-me de que me tenhas ocultado quem és, e ainda agora o ignoraria se Deus não mo houvesse revelado.» Não pôde João dissimular seu sentimento de ver-se descoberto; e, tendo dado a entender que pensava em retirar-se a outra parte, São Sabas o conjurou que não se movesse, dando-lhe palavra diante de Deus de que não descobriria a pessoa alguma quem era. Com esta promessa aquietou-se e, tendo-se encerrado em sua cela, esteve nela quatro anos sem falar palavra. Não saiu dela senão para assistir à consagração da igreja dedicada à santíssima Virgem, que havia edificado São Sabas e veio consagrar Santo Elias, patriarca de Jerusalém, o qual quis ver nosso João e não ficou menos admirado de sua humildade que de seu raro mérito.

Tendo-se introduzido na nova Laura o espírito de divisão e de parcialidade, retirou-se dela São Sabas; e João, então de idade de cinquenta anos, não querendo ter comércio com os sediciosos, abandonou-a também e foi ao deserto de Ruba, onde viveu nove anos sem falar com pessoa alguma, sustentando-se da fruta e raízes silvestres que ele mesmo ia colher naquela vasta solidão.

Fizeram nela uma incursão os sarracenos, conduzidos por Alamundar, enchendo de sobressalto e de turbação aquele santo deserto; mas João, confiando na proteção do Senhor, não pensou em refugiar-se em outra parte. Premiou Deus sua fé enviando-lhe um leão que não se apartava de seu lado e punha em fuga os bárbaros.

Sossegadas as turbulências da Laura, voltou a ela São Sabas; e, ansioso de ver nosso santo, foi buscá-lo e o conduziu a sua primeira cela, onde esteve quarenta anos sem falar com ninguém senão com Deus, pondo todo o seu cuidado em fazer-se invisível e desconhecido aos homens.

Não deixou o Senhor de manifestar a santidade de seu servo com muitas maravilhas. Foi visitar os santos lugares de Jerusalém um arcebispo da Ásia chamado Atero, homem de grande virtude; e, estando em oração, teve uma visão na qual se lhe deu a entender que era vontade de Deus que visitasse a Laura de São Sabas, para admirar nela um vaso de eleição na pessoa do solitário João, que, sendo bispo, se havia feito simples religioso; e, quase invisível aos mortais, passava a vida na penitência e na solidão, meditando dia e noite as verdades eternas. Não perdeu Atero um só instante; voou ao deserto e, arrojando-se aos pés do santo, publicou em presença de São Sabas e de todos os monges as maravilhas que João lhes havia ocultado.

Morto São Sabas, apareceu a nosso santo e disse-lhe que, ainda que era tão ardente seu desejo de ver e gozar de Deus, queria Sua Majestade detê-lo na terra por algum tempo, para que consolasse e fortalecesse na fé a seus irmãos durante uma cruel perseguição que haviam de mover os hereges.

Com efeito, não se pode dizer o muito que tiveram que padecer aqueles monges em defesa da verdade contra os que seguiam os dogmas de Orígenes e de Teodoro de Mopsuéstia; mas nunca pôde penetrar o erro numa comunidade de anacoretas que tinha por guia e por cabeça nosso santo. Em vão foi perseguido; declarou-se abertamente contra o erro e sofreu a mais dura perseguição por defender os decretos da Igreja. Enfim, carregado de dias e merecimentos, sendo de idade de cento e quatro anos, sem haver perdido nem o vigor do espírito nem aquela doçura que conservou sempre inalterável, depois de haver passado setenta e seis anos no deserto, e quase todo este tempo numa elevada contemplação, numa assombrosa penitência e num contínuo silêncio, morreu com a morte dos santos no ano 558, e muito logo foi objeto da veneração do povo.

Missa (oração)

A missa é do comum de confessores pontífices, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Da, quæsumus, omnipotens Deus, ut beati Joannis confessoris tui veneranda solemnitas, et devotionem nobis augeat, et salutem. Per Dominum nostrum...*

Português: Suplicamo-vos, ó Deus onipotente, que nos concedais que a venerável solenidade do bem-aventurado João, vosso confessor e pontífice, aumente em nós a devoção e o desejo de nossa salvação. Por Nosso Senhor.

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria, e a mesma que a do dia 1.

Sabedoria 5,1-5

> **Latim:** [1] Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. [2] Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; [3] dicentes intra se, pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. [4] Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; [5] ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

Português: [1] Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. [2] Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, [3] dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. [4] Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: [5] Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

Nota

«O livro intitulado o Eclesiástico, que alguns intitulam em grego livro de toda virtude, foi composto em hebraico, como se adverte em seu prólogo, por um judeu chamado Jesus, filho de Sirac, e traduzido em grego por um neto do autor no tempo de Ptolomeu Fiscão, cento e quarenta e cinco anos antes da vinda de Cristo. Declarou-se por livro canônico no concílio de Roma, no tempo do papa Gelásio, depois por um decreto de Eugênio e, por último, no concílio de Trento.»

Reflexões

Não se achou quem guardasse como ele a lei do Altíssimo. O verdadeiro mérito do homem depende de sua perfeita sujeição à lei de Deus. O que não é bom cristão não pode ser homem de bem; e, falando a rigor, somente é homem de bem o bom cristão. O nascimento, a compleição, o gênio, a educação, o trato, o estudo, a reflexão e até as mesmas paixões podem fazer um homem afável, oficioso, culto; mas a verdadeira honradez só pode ser fruto da virtude cristã. Sem ela pode um homem ser obsequioso por inclinação, bondoso por interesse ou por orgulho, apacível, atento, afável por artifício; mas estas são aparências, ficções e meras exterioridades. Cuida-se pouco no mundo de ser homem de bem na realidade; todo o empenho se põe em parecê-lo. Podem-se muito bem saber todas as cerimônias exteriores e praticá-las do mesmo modo que um comediante representa o papel de rei no teatro. A que se chama honradez ou homem de bem no mundo consiste num modo de portar-se regrado, atento, cortesão, obsequioso e culto: o mundo não pede mais; mas tudo isto pode ser uma momice ou um puro aparato e nada mais. Com efeito, esse suposto homem de bem, tão bondoso, tão atento, tão obsequioso e tão magnífico, lá atrás do pano muitas vezes não é mais que um trapaceiro, um vicioso, um homem brutal. A verdadeira honradez custa muito ao coração. É preciso fazer desinchar suas inchações, adoçar suas amarguras, aplanar suas desigualdades, reprimir seus ímpetos. Esta vitória só pode ser obra da virtude. As paixões, tão contrárias à verdadeira honradez, não reconhecem outro dono que as sujeite. O estudo, a reflexão, a política e o trato com os homens podem contê-las por algum tempo; mas logo se livrarão da opressão e recobrarão sua liberdade com usura. Daqui nasce que comumente o homem de bem no mundo o é só por humor, por interesse e por capricho; o sê-lo por princípios se reserva unicamente à virtude. Esta é a que ensina a ser homem de bem para outros e para si. O verdadeiro homem de bem nunca é desigual; seu mérito é real e sua honradez verdadeira. Deve conhecer todos os respeitos e todas as atenções que pede a sociedade e deve praticá-las. A fidelidade em desempenhar as obrigações de seu estado é um dos mais belos traços de seu retrato. Só ele é bom pai, bom parente, bom amo e bom amigo. Como sua honradez não depende do capricho, do interesse nem das circunstâncias das pessoas, nunca se desmente; sua retidão nunca envelhece, sua cortesia sempre é nova. Superior às vicissitudes da vida e dono de suas paixões, não altera a ordem e economia de suas operações, porque só tem à vista sua obrigação e a lei santa de Deus, única regra de toda a sua conduta. Dize-me agora: bastará unicamente a boa criação, o trato, o talento e um bom juízo para fazer uma obra deste mérito e deste valor? Sem virtude poder-se-á conseguir aquela retidão inalterável, aquela apacibilidade sempre uniforme, aquela honradez sem ficção e sem artifício? É homem de bem um mundano; tem pundonor, talento, desembaraço, uns modos gratos e cavalheirosos; seu garbo cativa e sua oficiosidade encanta. Mas, se são estragados seus costumes, se é débil sua fé, se se reconhece nele pouco ou nada de religião, merecerá grande estima sua postiça e superficial honradez? Poder-se-á fazer grande caso daquela máscara, daquele fantasma de homem de bem? Haverá quem deva fiar-se daquela artificiosa, daquela afetada bondade? O que só é homem de bem por artifício ou por gênio não o será sempre, nem em todas as partes, nem por longo tempo.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus, e o mesmo que o do dia 5.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** 14 Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. 15 Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. 16 Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. 17 Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. 18 Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. 19 Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. 20 Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. 21 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. 22 Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. 23 Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: 14 Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. 15 E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. 16 O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. 17 Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. 18 Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. 19 E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. 20 E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. 21 Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. 22 Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. 23 Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Das obrigações do estado de cada um

Primeiro ponto

Considera que todos têm em seu estado quanto hão mister para salvar-se e para ser santos. É erro grosseiro, e com tudo isso muito comum, pensar que se encontrarão menos estorvos e se acharão mais meios para salvar-se em qualquer outra condição que na que abraçou cada um; delírio de imaginação enferma, que se figura que contribuirá muito para recobrar a saúde o mudar de cama; mas esta inquietude é efeito do mal que está no sangue. Se te achas já estabelecido no mundo, a que fim suspiras pela maior facilidade que há para ser santo no estado religioso? A que fim, ainda dentro da religião, invejas nos religiosos de outra profissão certos meios que te parecem mais vantajosos para ser perfeitos? Desejos inúteis, projetos frívolos que só servem para enganar-nos e para que cada dia sejamos mais imperfeitos, sendo menos regulares e menos observantes.

Efeito é do extravagante gênio dos homens não apreciar senão o que nasce em países estrangeiros e não fazer caso do que temos diante dos olhos e estimam os estrangeiros. Esta extravagância do gosto transcende até o espírito e coração cristão. A que fim fazer dependente da condição o que unicamente depende da fidelidade da pessoa? Não há estado que não tenha suas obrigações; cumpre exatamente com as do teu e nada terás que invejar aos mais fervorosos. Quanto mais ligeiras ou mais miúdas são estas obrigações, mais se merece em cumpri-las. Nada se nega a Deus quando se o ama muito. O amor atende pouco à importância ou à qualidade do serviço; só se considera a vontade e o gosto do dono a quem se presta. Este é todo o segredo da mais sublime perfeição; esta é a verdadeira virtude.

Teu estado te impõe certas obrigações; em cumpri-las consiste a devoção, o mérito e o fervor. A obscuridade da obrigação não diminui o resplendor da virtude, antes a realça. Aquele Deus que, por assim dizer, é o único que valora o preço e o mérito com sua aprovação; este Deus, volto a dizer, não pede daquele pai nem daquela mãe de família que assistam sempre aos ofícios divinos, que estejam continuamente na igreja, que não faltem a exercício ou ato algum de devoção que se pratique no povo: mas lhes pede que cuidem muito particularmente da educação de seus filhos e de edificá-los com bons exemplos; pede-lhes que velem sobre sua família, visto que algum dia lhe hão de dar estreita conta dela.

Pede Deus àquele magistrado que procure fazer-se mais e mais hábil cada dia por seu estudo e aplicação; pede àquele militar que sirva a Deus e a seu rei com valor e com fidelidade; pede àquele eclesiástico que desempenhe as estreitíssimas obrigações de seu estado e sustente em tudo a eminente santidade de seu sagrado caráter; pede àquele religioso que jamais se dispense na observância de suas regras; pede, enfim, a todos que cumpram os deveres de seu estado. Isto é negociar cada qual com seus talentos; com isto se contenta Deus; não nos pede mais, mas nos pede tudo isto.

Ó meu Deus, e quanto me acusa esta importante verdade! E que de remorsos, que de tristes reflexões não me obriga a fazer esta acusação!

Segundo ponto

Considera que não há na vida condição, não há estado que não tenha suas obrigações particulares. Se estás consagrado ao ministério dos altares, se abraçaste o estado eclesiástico, que pureza de

costumes mais exata! Que regularidade de porte mais exemplar! Que reforma mais indispensável! Obrigação de boas obras, obrigação do ofício divino, obrigação de fazer bom uso das rendas. As diversões próprias dos seculares proíbem-se; as concorrências profanas proscrevem-se. O estudo próprio do estado, a ciência necessária para desempenhar dignamente o ministério: estas são as obrigações de um eclesiástico. E serão para esquecidas estas obrigações?

Se vives no mundo, ó meu Deus, quantas obrigações de consciência que deves considerar como outras tantas cargas que te impõe a religião! Que retidão, que boa-fé no comércio! Que honradez em todo o teu porte! Que multidão de obrigações a respeito de teus filhos e de teus criados! Que precisão de dar-lhes bom exemplo! Quantas regras de compostura que também são obrigatórias! É o mundo a região das paixões e deveria ser o cadafalso de seu suplício. Em que outro lugar há maior precisão de combatê-las e de vencê-las? O mundo, a respeito da salvação, é um país inimigo em que é necessário estar sempre com as armas na mão. Pedirá porventura este estado almas ociosas ou espíritos covardes?

Enfim, se tens a ventura de haver abraçado o estado religioso: que obrigações mais estreitas nem mais delicadas que as que te impõem teus sagrados votos! Será razão que reputes todas as tuas regras por uns meros conselhos? Em tuas constituições e em teu instituto contêm-se muitas obrigações que não podes ignorar. Por estes documentos se há de sentenciar definitivamente o processo decisivo de tua sorte eterna. Ó meu Deus, e que digno de lástima é um religioso inobservante e tíbio! Quem poderá tranquilizá-lo na hora da morte, quando se lhe representarem todas as suas obrigações?

Não há estado que não tenha seus deveres; no cumprimento deles consiste todo o mérito; qualquer outra devoção não é mais que erro, e isto é o que prova que a santidade está ao alcance de todos. Nunca nos faltam os auxílios necessários proporcionados ao que havemos mister; o que nos falta muitas vezes é a fiel e devida correspondência a estes auxílios.

Um deles, Senhor, é a graça que me dispensais para fazer estas reflexões; mas muito desgraçado serei se faço inútil esta graça. Não o permitais, Senhor, pois já tomei meu partido. De hoje em diante toda a minha aplicação e todo o meu estudo será, mediante vossa divina graça, compreender bem minhas obrigações e dedicar-me a cumpri-las.

Jaculatórias

> *Paratus sum, et non sum turbatus: ut custodiam mandata tua.* Sl 118.

Pronto estou, Senhor, a cumprir as obrigações de meu estado, sem que ninguém seja capaz de fazer-me vacilar nesta resolução.

>

> *In æternum non obliviscar justificationes tuas: quia in ipsis vivificasti me.* Sl 118.

Não, Deus meu, jamais me esquecerei do cumprimento de minhas obrigações, pois nisto cumpro vossa lei, que é a que me vivifica.

Propósitos

1. Eis aqui matéria muito abundante para o exame e para a confusão de toda classe de pessoas. A virtude mais elevada consiste em que cada um cumpra fiel e constantemente as obrigações de seu estado. Ninguém as ignora; todas elas estão a nosso alcance; nenhum há que se atreva a negá-lo; pois quem poderá desculpar sua negligência se não é santo? Se estamos no mundo, não há que ir aos claustros com nossos quiméricos projetos nem com nossos vãos desejos; nem é mister ir com eles à Tebaida se queremos praticar a religião. Na vida mitigada do religioso instituto que abraçamos não temos que invejar os que elegeram outro mais austero. O estado em que nos achamos, a condição em que vivemos tem suas obrigações; este religioso instituto tem suas regras; pois Deus não te pede mais que o exato cumprimento dessas obrigações, a pontual observância dessas regras. O tesouro da felicidade eterna está, digamo-lo assim, em tua herdade; este tesouro está escondido para muitos, que não querem fazer-se santos senão onde não estão, pretendendo que o terreno que pisam só pode produzir espinhos. Cultivem-no bem e verão como frutifica em proporção do cultivo. Convence-te hoje desta verdade cheia de consolo e não penses em fazer-te santo senão no estado fixo em que te achas, cumprindo as obrigações que ele te impõe.

2. Convém que faças desde logo um breve apontamento destas obrigações. Se estás no mundo, olha quais são as obrigações de teu estado: cuidados pessoais da família e dos domésticos, atenção e vigilância sobre seus costumes e seu porte, respeito e modéstia religiosa no templo, frequência de sacramentos, devoções da manhã e da noite, bons exemplos etc. Recorre todos estes deveres e forma a resolução de cumpri-los. Se és religioso, tens regras e toda a tua perfeição consiste em observá-las. Examina quais são as de que menos cuidas e as que quebrantas mais frequentemente. Lembra-te de que, ainda que não obriguem sob pena de pecado, algum dia saberás que de sua observância depende não só a perfeição, mas de certa maneira a salvação das pessoas religiosas. É muito difícil quebrantar habitualmente a maior parte das regras e guardar os votos. Não te enganes nem te lisonjeies com frívolas distinções: no tribunal de Jesus Cristo não se faz caso delas. Começa desde hoje a cumprir tuas obrigações e a observar aquelas regras que tens quebrantado até aqui.

São Segundo, Bispo e Padroeiro de Ávila

Um dos santos varões apostólicos que por volta dos anos do Senhor de 63 ou 64 vieram à Espanha para tirá-la de seus erros foi São Segundo, de cuja vida, pais e pátria somente se sabe o que o ofício moçárabe, o leccionário Complutense e outros documentos, que se guardam na biblioteca do Escorial, referem sucintamente. Segundo eles, São Segundo, sendo já de idade proporcionada para o ministério evangélico, foi ordenado por São Pedro em Roma, pouco antes da primeira perseguição sangrenta que moveu Nero contra a Igreja de Jesus Cristo. Instruído pelos santos apóstolos São Pedro e São Paulo nas altas funções do ministério que lhe haviam confiado, embarcou-se com os demais companheiros seus, ansioso de desempenhá-las com acerto para a maior glória de Deus. Sobre sua viagem à Espanha, chegada às costas da Andaluzia e o maravilhoso sucesso de Guadix, sendo feitos comuns aos sete varões apostólicos, para não os repetir tantas vezes remetemos nossos leitores à vida de São Torquato no dia quinze deste mês.

Na partição que fizeram então entre si das diferentes províncias da Espanha, para fazer mais geral e frutuosa a pregação do Evangelho, coube em sorte a São Segundo a cidade de Ávila com toda a sua comarca, que então estava florescente. Desta divisão cessam já as notícias autênticas que ficaram destes primeiros mestres de nossa fé. Pelo ofício moçárabe sabe-se que, quando iam a seus respectivos destinos, abrasavam tudo com o fogo de sua pregação, fazendo maravilhosas conquistas em favor da religião que pregavam. Chegado São Segundo a Ávila, empreendeu com o maior vigor a conversão daquelas cegas gentes, não poupando trabalho, por penoso que fosse, para reduzi-las ao rebanho de Jesus Cristo; mas isto mesmo o fez vítima de sua caridade, dando a vida pela mesma fé que pregava.

Não se sabe o gênero de martírio que padeceu e muito menos as circunstâncias que o acompanharam: as lições do ofício antigo que usava aquela catedral dão-lhe constantemente os títulos de bispo e de mártir; o que não permite duvidar que este santo foi um dos discípulos de Tiago, que, ordenado bispo por São Pedro, coroou o emprego do sacerdócio com a láurea do martírio. Seu corpo foi recolhido pelos cristãos daquele tempo e colocado com honra e reverência num decente sepulcro. As contínuas invasões que fizeram os bárbaros em nossa península e o estrepitoso ruído das contínuas guerras ofuscaram de tal maneira sua memória que permaneceu inteiramente extinta por espaço de muitos séculos, até que uma casualidade ditosa ofereceu a invenção de seu sepulcro e suas relíquias. Sucedeu isto no ano de 1519, em que, intentando fazer um arco que desse fácil entrada a duas capelas do templo de Santa Luzia, sito às margens do rio Adaja, ao tempo de demolir dois pequenos arcos antiquíssimos, viram que em seus alicerces se descobria um vão que dava a entender que ali havia algum sepulcro. Com efeito, acharam uma pequena tumba de madeira, que tinha por fora uma grade pintada de verde. Admirados da novidade os obreiros, prosseguiram cavando com maior cuidado; à primeira notícia concorreu o clero e grande parte do povo e, prosseguindo a escavação, encontraram uma arca de pedra e dentro dela outra de madeira com esta inscrição: SAN SEGUNDO. Abriu-se a arca em presença do cabido eclesiástico e magistrados da cidade, e nela acharam um cadáver com insígnias episcopais,

um cálice e um anel de ouro, e de tudo saiu uma suavíssima fragrância que encheu a igreja. A sensação que causou nos corações de todos tão precioso achado foi excessiva, e a manifestaram com todas as demonstrações de júbilo e alegria. Deus quis também manifestar a glória de seu servo com milagres de sua divina onipotência. Estava ali um enfermo chamado Francisco Arroyo, natural de Ávila, o qual muitos anos havia que estava padecendo uma enfermidade molesta, que se reduzia a ter fora de seu lugar grande parte dos intestinos. Desejoso de recobrar sua saúde, disse diante de todos: «Quero pôr-me em cima do corpo deste santo, para ver se a divina misericórdia se compadece de mim e por seus méritos e intercessão me sara de minha perigosa doença.» Dito isto, pôs-se sobre a arca, levantou as mãos ao céu e disse com grande alegria: «Eu te dou graças, Senhor meu Jesus Cristo, que por intercessão de São Segundo já me acho são.» Divulgou-se o milagre por toda a cidade; todos a uma voz glorificaram o Senhor por suas misericórdias e maravilhas; e, gozosos com o achado de tão precioso tesouro, trataram de colocá-lo num sítio decente e cômodo. O deão e cabido da catedral intentaram levar o sagrado cadáver a sua igreja, alegando que este lhes competia por direito, tendo sido São Segundo o primeiro bispo da cidade; além de que deste modo se proporcionava ao santo maior veneração e culto e aos fiéis o consolo de tê-lo mais perto para dirigir por seu meio a Deus suas súplicas e seus votos. Opôs-se a este projeto a confraria de São Sebastião, estabelecida desde tempo muito antigo na igreja de Santa Luzia, com a obrigação de defender os direitos daquela paróquia. Nesta dissensão acordou-se colocar por ora a arca com as santas relíquias num lugar honorífico daquela igreja, sem deixar por isso o deão e cabido da catedral de fazer todas as diligências necessárias a fim de que se lhes desse a posse.

Por aquele tempo foi nomeado bispo de Ávila frei Francisco Ruiz, varão de muito espírito e piedade, o qual, convindo com seu cabido nos desejos de honrar as relíquias de nosso santo, acudiu ao papa Leão X para que expedisse uma bula em seu favor, a qual foi dada em 25 de fevereiro de 1520, mandando que se entregasse ao bispo o corpo de São Segundo. Notificou-se esta bula aos interessados e começou-se a fábrica de um altar magnífico na catedral; mas, tendo sido Deus servido de levar para si o zeloso bispo nos princípios da obra, ficou esta suspensa e o corpo de São Segundo na mesma arca, sepulcro e igreja em que antes se achava. Ali seguiu até o ano de 1593, em que, tendo sarado milagrosamente de uma mortal doença por intercessão do santo o bispo atual daquela diocese, dom Jerônimo Manrique de Lara, reconhecido a tão soberano favor, voltou a ativar a trasladação de suas relíquias para dar-lhes o correspondente culto; e, a fim de não ter obstáculo na autoridade civil, que até ali havia protegido a confraria de São Sebastião, solicitou uma carta-ordem do rei Filipe II. Deu este piedoso monarca ouvidos às justas reclamações do bispo e imediatamente expediu uma real cédula, mandando executar as letras pontifícias, prevenindo os magistrados da cidade e todos aqueles que até então se haviam manifestado interessados que incorreriam em sua justa indignação se pusessem o menor óbice à execução mandada. Esta autorização aquietou todas as queixas e pretensões e facilitou uma operação que de outro modo teria sido impossível.

Juntaram-se os magistrados, o cabido e o bispo para determinar o dia e as circunstâncias da trasladação desejada. Convieram em certas condições; enviaram comissionados ao católico monarca, para que se dignasse autorizar com sua presença uma função tão magnífica; e determinaram-se todos os demais requisitos necessários para a pompa, adornos e festejos que em

celebridades tão suntuosas costumam manifestar a piedade dos fiéis. Ainda que o rei não deixou de dar algumas esperanças de que assistiria no dia projetado, escusou-se a tempo com a atenção que requeriam mais graves negócios; e assim encarregou ao bispo que se fizesse a trasladação sem custosos dispêndios e que ao tempo de fazê-la separasse uma relíquia insigne do santo para trasladá-la ao mosteiro do Escorial. No dia 9 de setembro do ano de 1594, o bispo, com grande acompanhamento de eclesiásticos e seculares da maior dignidade e nobreza, trasladou-se à igreja de Santa Luzia e, tendo primeiramente implorado o auxílio divino cantando as ladainhas, abriu o sepulcro do santo; tirou com suas próprias mãos uma a uma as relíquias que se conservavam na antiga caixa; ofereceu-as à veneração do povo numeroso, que assistia com velas acesas nas mãos, cheio de ternura e de devoção, e logo as foi colocando numa caixa nova de nogueira, ricamente lavrada, com preciosos adornos de prata e ouro. Fechou-a e colocou-a no altar-mor daquela igreja até o dia destinado para a procissão solenísssima. Este foi o domingo dia 11 de setembro, em que, tendo celebrado o deão da catedral solene missa do santo, formou-se uma procissão magnífica pelo número de pessoas que a compunham, pelos muitos grandes e nobres que a autorizavam e pelos multiplicados adornos que com riqueza e esmero haviam posto os vizinhos de Ávila em todas as ruas por onde havia de passar. Chegaram à igreja de São Segundo e, tendo celebrado o bispo missa pontifical, tomou a caixa das sagradas relíquias e entregou-a aos eclesiásticos de maior dignidade e aos nobres de maior jerarquia, os quais sobre seus ombros e debaixo de um pálio riquíssimo a conduziram à igreja catedral. As demonstrações de regozijo e alegria que manifestou todo o povo num ato tão solene e piedoso competiram com a ternura e as lágrimas que corriam por seus rostos em testemunho da consolação que recebiam seus piedosos corações. No dia seguinte celebrou-se missa solene em ação de graças ao Todo-Poderoso, separaram-se as relíquias que se enviaram ao rei, e seguiram por oito dias contínuos os exercícios de piedade e os júbilos do povo. Imediatamente cuidou o bispo de construir uma suntuosa capela, da qual pôs ele a primeira pedra, feito já inquisidor geral, no dia 23 de abril de 1595. Concluída, trasladaram-se a ela as sagradas relíquias de São Segundo, onde até estes tempos tem manifestado Deus com contínuos milagres que descansa ali um amado servo seu, um dos primeiros mestres de nossa fé e o protetor e padroeiro da nobre cidade de Ávila.

Missa (oração)

A missa é do comum de mártir pontífice, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Infirmitatem nostram respice, omnipotens Deus; et quia pondus propriæ actionis gravat, beati Secundi, martyris tui atque pontificis, intercessio gloriosa nos protegat. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Onipotente Deus, olhai nossa fraqueza e, já que nos é tão pesada a carga de nossa miséria, fazei que experimentemos a proteção gloriosa do bem-aventurado São Segundo, vosso mártir e pontífice. Por Nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria, e a mesma que a do dia 1.

Sabedoria 5,1-5

> **Latim:** [1] Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. [2] Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; [3] dicentes intra se, pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. [4] Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; [5] ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

Português: [1] Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. [2] Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, [3] dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. [4] Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: [5] Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

Reflexões

Nada move tão poderosamente o coração dos homens como o escarmento que veem em cabeça alheia, quanto aos delitos de que eles mesmos se conhecem manchados. O ver frustradas suas esperanças, o sentir o castigo de umas ações que eles tinham por gloriosas e o ver por outra parte coroadas aquelas obras que olharam com desdém e com desprezo excita os mais vivos sentimentos de dor e de penitência; mas, depois de concluído o tempo concedido para merecer, esta mesma dor se converterá lastimosamente em tormento irremediável e em raivoso desespero. Que ufanos, que alegres e que satisfeitos ficavam os tiranos depois de haver regado a terra com o inocente sangue dos mártires! Já se lisonjeavam de que seu poder e sua crueldade haviam chegado a exterminar da terra uns homens que eles tinham no conceito de fanáticos e infelizes. Olhavam sua profissão como uma loucura supersticiosa e sua constância e alegria em meio das maiores crueldades como uma insensatez. Seus olhos ofuscados com a espessa névoa de suas paixões não viam mais felicidade nem mais glória que gozar completamente dos bens da terra. Mas que dor a sua quando, descorrido com a morte aquele véu funesto que lhes impedia ver a verdade, se acharam enganados! Que desespero se apoderaria de seus corações ao ver contados

entre os filhos de Deus aqueles mesmos a quem eles reputavam por desgraçados e infelizes!

Semelhante engano tem seu princípio no pouco que refletem os homens sobre as verdades da outra vida; engano que se faz lugar até em muitas pessoas que, tendo continuamente na boca os nomes de glória, de inferno, de Deus e de eternidade, mal pensam no que significam. De outro modo, olhar-se-ia com tanto desprezo a pobreza dos miseráveis e a desgraça dos enfermos e desvalidos? Poderia um poderoso submergir seu coração nos deleites do mundo vendo a seu lado um irmão seu afogado em lágrimas? Teriam-se os hospitais e os cárceres por uns lugares de horror e de espanto; escassear-se-iam tanto os socorros aos miseráveis que jazem oprimidos entre a escassez e a miséria, se se fixassem por um momento os olhos da fé numa vida eterna e no castigo ou prêmio que a há de acompanhar? A verdade não nos permite duvidar da resposta. Se fosse possível trasladar um poderoso desde o seio de suas delícias, onde olha com olhos desdenhosos os pobres que o rodeiam, àquele tribunal de verdade e de justiça onde se apresentam as coisas segundo são em si mesmas, juntamente com aqueles mesmos pobres, encher-se-ia de confusão ao ver que distinto apreço mereciam estes do justo Juiz. Com razão exclama o Espírito Santo por boca de seu profeta, dizendo: *A terra está desolada, porque não há ninguém que reflita.* Homem cristão, a quem a divina graça ilumina nesta hora por meio destas considerações, não sejas pródigo de um bem tão celestial e divino. O mesmo que nos diz o Espírito Santo que sucedeu aos iníquos perseguidores dos mártires de Jesus Cristo te há de suceder a ti. A vida é breve; teu espírito é imortal: a fé e a razão te ensinam que muito logo comparecerás num tribunal onde serão examinadas tuas obras. Sabes que Deus tem dito que não é aceitador de pessoas e que o que se executa com o mais pequenino e miserável o toma em conta para a recompensa ou o castigo, como se com o mesmo Senhor tivesse sido executado. Dá, pois, em teu coração lugar à justa estima que exigem de ti teus irmãos. Venera em cada um deles, por pobre que seja, a pessoa do mesmo Jesus Cristo e procura nesta vida perecível precaver com obras de caridade a confusão e horror que de outra maneira te será indispensável sofrer na vida interminável.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João, e o mesmo que o do dia 7.

João 15,1-7

> **Latim:** [1] Ego sum vitis vera, et Pater meus agricola est. [2] Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum, et omnem qui fert fructum, purgabit eum, ut fructum plus afferat. [3] Jam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis. [4] Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. [5] Ego sum vitis, vos palmites : qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. [6] Si quis in me non manserit, mittetur

> foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet. [7] Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis.

Português: [1] EU sou a videira verdadeira: e meu Pai he o agricultor. [2] Todas as varas, que não derem fruto em mim, elle as tirará: e todas as que derem fruto, alimpallás-ha, para que o dem mais abundante. [3] Vós já estais puros em virtude da palavra, que eu vós disse. [4] Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fruto, senão permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, senão permanecerdes em mim. [5] Eu sou a videira, vós-outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fruto: porque vós sem mim não podeis fazer nada. [6] Se alguem não permanecer em mim: será lançado fora como avara, e seccará, e enfeixallo-hão, e lançallo hão no fogo, e allí arderá. [7] Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito.

Meditação

Sobre as conversações, suas utilidades ou perigos

Primeiro ponto

Considera que a conversação dos cristãos, como de uns homens destinados a gozar eternamente da companhia dos anjos, diz São Paulo que deve ser de coisas do céu.

Isto quer dizer que nossas conversações se hão de empregar em assuntos que conduzam a nossa bem-aventurança e não naqueles inúteis ou perniciosos que nos extraviam de nosso último fim. Nada mais frequente entre os homens que tomar a seu cargo a discussão de negócios que Deus não confiou a sua inspeção e murmurar da boa ou má direção que lhes dão aqueles a quem os encarregou sua divina Providência. Frequentemente se censura a conduta dos demais cidadãos; examina-se e moteja-se o modo de obrar dos príncipes, dos magistrados e dos ministros. Não somente não se os respeita, mas muitas vezes se reprovam suas ações e até suas respeitáveis providências. O calor da conversação nos faz esquecer dos preceitos e insinuações da caridade e nos fecha os olhos para que em nossos superiores não vejamos uns representantes do supremo poder, a quem devemos venerar e obedecer, não somente por temor do castigo, mas também para não manchar nossas consciências. Evitemos, pois, as reuniões com aquelas pessoas que creem dar-se importância em criticar e murmurar de seus maiores; sua conversação é uma espécie de contágio que nos pega insensivelmente os maus resquícios de seu torcido coração. Por isso diz o Espírito Santo: *Apartai-vos dos tabernáculos dos homens ímpios e não toqueis sequer as coisas que lhes pertencem, para que não vos enredeis em seus pecados.* E nos Provérbios se diz: *Não sejas amigo do homem iracundo nem te juntes com o furioso, para que não aprendas seu modo de obrar*

e se escandalize tua alma. Somos naturalmente inclinados a imitar mais depressa os vícios e perversas qualidades daqueles com quem tratamos que suas virtudes e santas operações; e, sendo certo que a conversação contínua faz semelhantes os que conversam, por isso convém sempre ter presente o que diz São Paulo aos coríntios, que as conversações más corrompem os costumes, não de outra maneira que as boas causam o efeito contrário.

É necessário dar-se conta de que a todos nos move um desejo de comprazer àqueles com quem vivemos e de aprovar e fazer o que eles fazem. Santo Agostinho não cessou de chorar em toda a sua vida esta criminosa complacência. «Ó inimiga amizade, exclamava, ó incompreensível erro da alma! Por mero desejo de comprazer àqueles com quem conversava, sem ter proveito algum nem malícia para executá-lo, cheguei a ser vicioso e a pretender louvor e fama pelo mesmo vício. Quando se junta uma tropa de jovens licenciosos e dizem: Vamos, façamos isto, quase se faz necessário cair no precipício; dá vergonha então o não ser desavergonhado.» Se queremos, pois, viver uma vida qual convém aos cristãos, que vivem neste mundo como num vale de lágrimas ou num penoso desterro, isto é, uma vida espiritual, e que só trate do que conduz a nosso último fim, devemos amar melhor a solidão e o retiro que a companhia e conversação das gentes. E esta é uma regra dada pelos santos padres, os quais por sua própria experiência haviam aprendido quão verdadeira é a sentença do Espírito Santo que diz: *Na muita conversação dificilmente deixará de haver delito.*

Segundo ponto

Considera a profissão que tomaste quando recebeste o batismo e, por conseguinte, quais são os negócios mais interessantes de que deves tratar e em que devem ocupar-se teus colóquios e conversações.

A experiência nos ensina que cada um fala daqueles negócios que mais lhe interessam: o conquistador fala de guerras e de batalhas; o mercador, de ganhos, de tráficos e de perdas; o lavrador fala do campo e o artesão das obras e instrumentos que são próprios de seu ofício. Suposto isto, qual deverá ser a conversação de um cristão? Seus interesses respondem que não deve ser outra que a que trate da vida, paixão e morte de Jesus Cristo; dos frutos admiráveis de sua divina redenção; daquelas espirituais medicinas em que deixou vinculado todo o preço de seu sangue para que nos livrasse de nossas doenças: numa palavra, deve versar a conversação do cristão sobre os exercícios de caridade para com Deus e com o próximo. Aquele que ama verdadeiramente a Deus tem prazer em falar dele e das coisas de seu serviço. Acaso costumam os lábios produzir outra coisa que os sentimentos do coração? Não é natural aos homens comprazer-se e engolfar-se na conversação em que tratam das coisas que amam ou daquelas pessoas a quem estão muito afeiçoados? Santo Agostinho refere que, tratando com sua mãe da felicidade que gozam os bem-aventurados, foi tanta a alegria que inundou sua alma naquele colóquio que depois lhe pareciam baixas e desprezíveis todas as diversões, todas as alegrias e delícias que se podem desfrutar nesta vida. O próprio Jesus Cristo nos ensinou com seu exemplo a regular nossas conversações segundo o ofício ou profissão que nos foi encarregado pelo céu; pois, como lhe manifestasse sua mãe algum gênero de queixa quando se perdeu em Jerusalém, respondeu-lhe: «Não sabíeis, Senhora, que devo ocupar-me no ministério que recebi de meu Pai?»

O exemplo e autoridade de um mestre como Jesus Cristo são superiores a todas as razões e a todos os exemplos. Tu, pois, deves considerar continuamente que és cristão e que por isso mesmo tuas conversações não devem ser das coisas terrenas, tendo dito o Salvador a seus discípulos: *Vós não pertenceis a este mundo.* O cristão tem sua origem no céu, tem seus interesses no céu, deve caminhar para ele como para sua pátria: o céu deve ser o norte a que se dirijam todas as suas operações; logo sua conversação não deve tratar jamais de coisas da terra. E, se isto é verdade a respeito de todos os cristãos, tu, que és religioso ou religiosa, que renunciaste ao mundo e puseste teus interesses unicamente na casa de Deus; que não tens mais patrimônio que a pobreza, nem mais alegria que as lágrimas, nem mais dignidade que a humilhação, com quanto mais razão deverás cingir tuas conversações não somente à profissão de cristão, mas à profissão em que te constituem teus votos! Tu, sacerdote, que consagras diariamente o corpo e sangue de Jesus Cristo, que tens por ofício o levar sobre tua alma todo o peso dos pecados do povo que Deus te encarregou, que deves com tuas palavras e com teus exemplos estar continuamente ganhando as almas de teus irmãos, que não deves falar, finalmente, senão para edificação de teus próximos ou para exaltar as misericórdias do Senhor, reflete se as conversações em que frequentemente te ocupas correspondem à dignidade e alteza de teu sagrado ministério. Ó Deus eterno! Se os homens refletissem continuamente estas verdades, quão diferentes seriam suas conversações!

Jaculatórias

> *Discedite a me omnes, qui operamini iniquitatem.* Sl 6.

Apartai-vos de mim, de minha companhia e conversação, todos quantos obrais a iniquidade.

> *Non sedi cum consilio vanitatis, et cum iniqua gerentibus non introibo.* Sl 25.

Não tomei assento, Senhor, nas juntas de vaidade; e, ajudado de vossa divina graça, prometo-vos não conversar jamais com os iníquos.

Propósitos

1. Desde o princípio do mundo quis a divina Providência que vivessem juntos os bons e os maus, os justos e os injustos, para que, como diz Santo Agostinho, os primeiros fossem purificados e os segundos tivessem a escola do bom exemplo para moderar seus costumes. Na família de Adão encontra-se um Caim; entre os filhos de Noé um irreverente, digno de maldição; na de Abraão há que lançar fora Ismael; e na família de Jacó, José, que era o mais inocente de seus irmãos, foi

vendido por eles e faltou pouco para que lhe tirassem a vida. Estamos neste mundo misturados maus e bons; é necessário o trato e conversação com uns e outros; mas a alma que ouve as sólidas instruções da virtude sabe achar o meio de aproveitar-se dos bons exemplos de uns sem que a contaminem e manchem os excessos dos outros. Mas, ó Deus meu, segui eu esta doutrina nos muitos anos que tão inutilmente tenho passado já neste mundo? Oh, e como neste ponto me confundem os remorsos de minha consciência! As concorrências perigosas, as companhias de iniquidade, as conversações pecaminosas ou ao menos os discursos vãos e inúteis têm sido de ordinário a ocupação de minha alma. Esta se angustiou muitas vezes conhecendo bem as sangrentas feridas que em tais conversações padeceu. Vi-me tíbio, indevoto e muitas vezes pecador e iníquo. Conheço, Senhor, meus erros e daqui em diante proponho não ouvir mais palavras que as de vossa divina sabedoria; não escutar outros discursos que os que vosso divino espírito sugere continuamente a meu entendimento; e empregar todas as minhas conversações no importante e único negócio de minha eterna salvação. Longe de mim, daqui em diante, a assistência àquelas reuniões de homens ociosos que malogram as horas que lhes concedeis para chorar suas culpas e merecer vossa bem-aventurança; longe de mim a assistência àqueles espetáculos profanos em que se mancham os costumes e em que se atropelam os direitos da virtude; longe de mim, finalmente, toda conversação que não trate de vossos divinos atributos, dos exemplos de vossos servos e dos exercícios que podem conduzir para agradar-vos e servir-vos e conseguir a salvação de minha alma.

São Pedro Regalado, Confessor

São Pedro Regalado, a quem Deus tinha destinado para ser exemplo de santidade, prodígio de penitência e modelo de perfeição religiosa, reformando o austero instituto que estabeleceu na Igreja São Francisco, nasceu em Valladolid, por volta dos anos do Senhor de 1389, de pais esclarecidos por sua antiga nobreza e muito mais por sua piedade e cristãs virtudes. Seu pai se chamou Pedro Regalado, e sua mãe, dona Maria de Costanilla, os quais receberam de seus ilustres progenitores grande cópia de bens de fortuna. Mas era tanta sua piedade e misericórdia com os pobres e necessitados que pareciam mais bem procuradores ou dispensadores que donos de suas riquezas. Sendo ainda Pedro tão menino que mal podia conhecer seu pai, faltou-lhe este, levando-o Deus para dar-lhe o prêmio devido a sua grande misericórdia e às muitas esmolas com que a exercitava. Ficou em poder de sua mãe, viúva, a qual o educou santamente, instruindo-o e acostumando-o aos exercícios de piedade que ela mesma exercitava. Levava-o consigo quando ia confessar-se ao convento de São Francisco; e, como o exemplo dos pais é o aliciente mais poderoso para formar o coração dos meninos e afeiçoá-los aos exercícios de virtude, arraigou-se esta tão profundamente naquela inocente alma que, ao passo que ia crescendo, iam-se admirando nele as fecundas sementes que com o tempo haviam de produzir tão copiosos e sazonados frutos. Manifestava muito gosto em assistir aos templos e aos divinos ofícios, e o ver sua mãe frequentar os sacramentos despertou com antecipação no santo menino uns acesos desejos de alimentar-se com o pão de vida que baixou do céu; o que fazia com sumo consolo de sua alma. Entretanto não se descuidou sua mãe de fazê-lo aprender com um bom mestre as primeiras letras e quanto convinha saber a um jovem de sua nobre estirpe. Mas Deus tinha sobre Pedro mais altas miras e com a frequência em ir ao convento de São Francisco com sua mãe foi pouco a pouco inspirando

em seu coração a vocação e os santos desejos de alistar-se entre os filhos de tão grande patriarca.

Com efeito, aos treze anos sentiu-se movido de uma mão invisível e poderosa que o estimulava a abraçar o instituto religioso. Exercitou-se muitos dias em fervorosa oração, pedindo a Deus que fosse servido declarar-lhe o caminho por onde queria ser achado; consultou-o com seu pai espiritual e, certificado por ele de que aquela vocação era do céu, comunicou a sua mãe a determinação que tinha de fazer-se religioso. Era natural nela a repugnância, considerando que Pedro era o único filho varão que lhe havia ficado; que dele só pendia principalmente a continuação de sua nobre estirpe e de sua casa; que as prendas amáveis com que o céu havia enriquecido o jovem davam lugar a conceber dele as maiores esperanças; e, por último, o amor de mãe, a ternura de sua idade e a doce companhia que em sua viuvez lhe fazia eram suficientes motivos para manifestar se não aversão e repugnância ao menos desgosto ou indiferença. Nada disto sucedeu; como uma fervorosa Ana convém em dedicar seu pequeno Samuel ao templo para que nele servisse ao Senhor toda a sua vida. Fez por si mesma as diligências necessárias para privar-se de um filho tão amado e, além de oferecer ao santuário uma vítima tão perfeita e tão preciosa, teve o mérito de oferecê-la com resignação, com conformidade, com gosto, com alegria, com complacência.

Tomou o santo jovem o hábito de franciscano claustral no mesmo convento que tanto havia frequentado em companhia de sua mãe; e em poucos dias conheceram os religiosos o tesouro de virtudes que Deus lhes havia enviado. Logo que Pedro se viu agregado aos filhos de Francisco, levantou seus olhos a este grande patriarca e tomou-o por modelo para ajustar todas as suas ações. Mortificação de todos os sentidos; abstração do mundo, silêncio, retiro, contemplação, humildade e uma subordinação perfeita à vontade de seu superior foram as principais virtudes que resplandeciam em suas obras. Praticava com pontualidade e alegria os exercícios mais humildes, sem esquecer por isto o cuidado de instruir-se completamente na regra que se propunha observar em todo o discurso de sua vida. Como sua vocação não havia sido uma labareda passageira do espírito formada pelos acasos da fortuna, mas um chamamento positivo da divina graça, permaneceu todo o ano do noviciado sem afrouxar um ponto no rigor e exatidão com que havia começado. Esta constância na virtude certificou os religiosos de sua aptidão para um estado tão perfeito; e assim, cumprido o tempo estabelecido para sua provação, não duvidaram em admiti-lo à profissão, a qual fez Pedro aos catorze anos de sua idade, segundo permitiam os cânones naquele tempo. Apenas se viu professo, considerou que devia ir de dia em dia aproveitando na virtude. Redobrou seu fervor, seus jejuns, suas orações e penitências; e, entregue inteiramente à vida espiritual, fez progressos tão assombrosos que os mais provectos tinham nele muito que aprender e muitíssimo que admirar. Era o primeiro em qualquer exercício penoso, sem que jamais pudesse sua caridade achar desculpa para dispensar-se da menor moléstia, contanto que dela resultasse o obedecer a seus superiores ou o consolo de seus irmãos. Particularmente se deleitava em assistir aos enfermos e impossibilitados e, por asquerosas que fossem as enfermidades ou impertinentes os enfermos, nunca se retraía de sua assistência; antes ali assistia com mais frequência e gosto onde conhecia que havia de estar mais mortificado. Mas, como o instituto rigoroso do santo patriarca havia padecido alguma relaxação inseparável da fraqueza e miséria humana, não achava todo o fomento que desejava a severidade de seu espírito para imitar São Francisco na parte de penitente e rigoroso. Vivia por esta causa algum tanto desconsolado, desejando proporções de estabelecer uma vida mais austera, mas temeroso de fazer-se singular

na regular observância que entre os claustrais florescia.

Ouviu Deus os secretos suspiros de seu coração. Já havia vinte anos que frei Pedro de Villacreces, varão de sobressalente virtude e de eminente sabedoria, havia empreendido em si mesmo a reforma do instituto franciscano. Desejoso de reduzir à prática a verdadeira pobreza que estabeleceu seu santo patriarca e de dar força e vigor a seus santos preceitos, havia-se retirado a um lugar escabroso e deserto no termo de Covarrubias, a fazer vida pobre, penitente e solitária e pedir a Deus que lhe desse forças e auxílios para estabelecer a reforma que pretendia. Vinte anos gastou em orações, mortificação e lágrimas, apartado inteiramente do comércio dos homens e encerrado numa horrorosa e estreita gruta que parecia mais bem um sepulcro. Ao cabo deste tempo apresentou-se ao mundo em traje tão pobre e com semblante tão penitente e austero que mais parecia um esqueleto que um homem. Dirigiu a seu geral suas súplicas para que lhe permitisse pôr em execução o projeto de reforma e, com sua licença, começou-a no eremitério de Nossa Senhora da Salceda, na província da Alcarria; mas, ou fosse porque os padres claustrais de Toledo reclamassem aquele sítio como seu ou por outra causa, Villacreces o deixou e teve que buscar em outra parte sítio a propósito para seus intentos. Já Deus o havia determinado, assinalando-o com luzes milagrosas, perto de Aguilera, no bispado de Osma, cujo bispo, dizem, era parente do santo Villacreces e por isso propenso a favorecer os evangélicos desígnios que este manifestava. Entabulou, pois, com o bispo a pretensão de que lhe cedesse aquele eremitério de Aguilera, onde havia edificado uma igreja e posto um sacerdote com um ministro que o ajudasse à missa. O prudente bispo, que estava bem informado não somente da sabedoria e sólida virtude do reformador, mas do necessário e conducente da reforma, não teve dificuldade alguma em ceder generosamente o eremitério e a igreja, oferecendo além disso sua proteção e autoridade para levar a devido efeito a empresa. Tanto pode conseguir a virtude quando se manifesta em seu traje simples e livre dos resquícios da ambição ou interesse.

Enquanto se tratava este negócio, vivia São Pedro em Valladolid empregado em fervorosos exercícios, mas anelando sempre por vida mais semelhante à de seu penitente patriarca. Nesta ocasião apresentou-se naquela cidade o santo Villacreces, cuja vista encheu de terror e de edificação quantos o viram. Ia vestido de um sajal sumamente tosco, descalço de pé e perna, consumido de penitências e pregando com seu mesmo exemplo a reforma que desejava estabelecer. Havia entre os mesmos claustrais muitos religiosos que levavam a mal a relaxação que se havia introduzido e não apeteciam mais que uma ocasião oportuna para declarar-se em favor da reforma. Um deles era São Pedro, o qual, ainda que havia pouco que havia professado, com o fervor de seu grande espírito se havia adiantado aos demais. Logo que entendeu as faculdades que tinha do geral o padre Villacreces para admitir ao novo método de vida todos os que quisessem professá-lo, foi vê-lo, comunicou-lhe seus intentos e pediu-lhe ardentemente que o levasse consigo. O reformador, vendo a excelente índole daquele jovem, seus adiantamentos na virtude e as grandes esperanças que oferecia de maiores medras, admitiu-o com muito gosto como um dom que o céu lhe oferecia para cimentar sobre sólidas virtudes o edifício de sua reforma. Regalado, por sua parte, ficou igualmente consolado, olhando Villacreces como a um anjo que Deus lhe havia enviado para satisfação de seu espírito e santificação de sua alma. Tendo chegado ao eremitério, despiu-se do hábito de claustral e vestiu o saco da nova reforma, professando em mãos de seu bendito mestre todo o rigor da observância segundo a regra primitiva de São Francisco. Onze anos permaneceu neste lugar o santo, dedicado a todos os exercícios das virtudes

e empregado nas maiores austeridades. Sua pobreza era suma, pois algumas vezes chegou até a faltar azeite para a lâmpada do Santíssimo; sua comida reduzia-se a alguns legumes, poucas em quantidade e mal condimentadas; a oração era contínua, os jejuns sem interrupção e as penitências ásperas e multiplicadas. Observou por muitos anos as nove quaresmas que chamam de São Francisco, em que se compreendia a maior parte, ou por melhor dizer quase todo o ano; e dos dias que lhe ficavam livres destinava muitos ao jejum de pão e água, sem que jamais se permitisse a condescendência de uma ligeira colação à noite.

Com a continuação em orar chegou a tão alto grau de contemplação que nela era alimentado seu espírito com estranhos regalos do céu. Padecia frequentemente arroubos ou êxtases, e eram tão veementes que o viram muitas vezes levantado no ar, seguindo o terreno de seu corpo a mesma direção que levava seu espírito. A estes êxtases acompanhava uma circunstância maravilhosa, e era rodeá-lo um resplendor tão claro e luzente que, ainda que fosse de noite, parecia que era de dia; e os que estavam longe chegaram a julgar alguma vez que ardia o convento de Abrojos e foram atropeladamente carregados de água e instrumentos para apagar o incêndio. Em meio de tanta sublimidade de espírito não deixava de atender às coisas mais baixas e miúdas; não havia ocupação humilde nem exercício trabalhoso e desprezível em que não fosse o primeiro; e tão risonho se via seu semblante quando varria o convento ou andava de porta em porta solicitando da piedade dos fiéis o alimento para seus irmãos como quando, embebido todo em Deus, desfrutava na oração seus soberanos favores. Ardia seu peito em caridade pela salvação de seus próximos e, conhecendo que para lográ-la melhor seria conducente o sacerdócio, achou entre seus contínuos exercícios de piedade tempo oportuno para estudar a ciência de Deus em toda a sua extensão, até fazer-se capaz não somente de ordenar-se de sacerdote, mas de fazer admirável fruto nas almas pelo ministério da palavra. Em um e outro sentia indizíveis delícias seu espírito: a alegria que mostrava na conversão dos pecadores e a celestial doçura que sentia sua alma ao consagrar o corpo e sangue de Jesus Cristo e alimentar-se com tão divino manjar manifestavam claramente que, ainda que Pedro vivia em carne mortal, estava por seu fervor transformado em cidadão do céu.

Por este tempo foi Deus servido de coroar os grandes merecimentos do santo Villacreces, levando-o a gozar de sua glória; e, tendo-se juntado os religiosos dos dois eremitérios, o de Aguilera e o dos Abrojos, para eleger vigário, todos de comum consentimento elegeram São Pedro, que brilhava entre os demais por suas virtudes como o sol entre as estrelas. Aceitou o governo como uma carga que Deus punha sobre seus ombros para que a levasse em benefício da religião e de seus irmãos; e assim regeu como um pai benigno que ama a seus filhos, ainda quando a justiça e o mesmo amor o obrigassem a corrigir seus defeitos por meio do castigo. Era manso, doce e benigno com os humildes e apoucados; mas duro, severo e inexorável com os soberbos e contumazes. Ia adiante de todos com seu exemplo, para que a ninguém fosse pesado o rigor da observância. Jamais caminhou senão a pé e descalço, sem omitir por isso os jejuns acostumados nem dispensar-se da oração, longos rezos e multiplicadas fadigas. Defendeu com teima e constância os direitos da nova reforma, acometida desde seus princípios por muitos emissários do comum inimigo que procurava sua destruição, receoso dos grandes prejuízos que com o tempo lhe havia de causar. Por este motivo padeceu desonras, calúnias e perseguições as mais sangrentas; mas, cimentado bem na humildade e seguindo o exemplo daquele que deu sua vida numa cruz por suas ovelhas, tolerou-o tudo com suma paciência e prevaleceu sua constância contra as astúcias do dragão infernal.

Em meio dos perigosos cuidados da prelazia não desatendeu um ponto o principal de sua própria santificação; bem certo de que nada lhe serviria ganhar todo o mundo se padecia o menor detrimento sua alma. Fortaleceu esta com o escudo inexpugnável de todas as virtudes; mas naquelas em que mais sobressaía seu agigantado espírito eram as três teologais, como base e fundamento de todas as demais. Sua fé era tão viva que jamais chegou a persuadir-se de que pudesse acidente algum da terra turbar a série de tantas ocupações como se havia imposto para continuar e propagar a santa observância. O próprio Deus a premiou diferentes vezes com repetidos milagres, fazendo que no breve espaço de uma hora pudesse andar em jejum, a pé e descalço, catorze léguas, para cumprir em diversos lugares as obrigações de seu ministério. Sua confiança em Deus era firme e qual podia prometer-se de sua viva fé; e assim sucedeu que, tendo necessidade de passar do eremitério de Abrojos a algum sítio vizinho para exercitar a piedade, não duvidou em estender sua capa sobre as águas do Douro e passar sobre ela ao outro lado. Mas no que mais resplandeceu este grande servo de Deus foi na sublime virtude da caridade para com Deus e seus próximos. As obras maravilhosas que com estes executava manifestam claramente o incêndio que ardia em seu peito. Em qualquer parte em que encontrasse algum necessitado, abraçava-o, consolava-o e não o deixava ir até haver remediado inteiramente sua miséria. Se por casualidade encontrava algum pobre enfermo no caminho, levantava-o com sumo agasalho, ajudava-o e sustentava-o; e, se não podia andar, punha-o sobre seus ombros e levava-o ao convento. Ali lhe dispunha toda sorte de medicinas e regalos até que recobrava a saúde e ficava muito contente e satisfeito com beijar os pés e abraçar muitas vezes caritativamente aquele pobre que tão vivamente lhe representava o mesmo Jesus Cristo. Compadecia-se em extremo dos leprosos, a quem assistia e curava com mais esmero, beijava suas asquerosas chagas e muitas vezes premiou o céu este fervor de sua ardentíssima caridade, sanando milagrosamente aqueles infelizes. Mas semelhantes maravilhas se haviam já visto patentemente por todos, em confirmação de quão gratas eram a Deus as esmolas e obséquios que este santo varão empregava no socorro dos necessitados.

Estava o santo empregado no ofício de porteiro no convento de Abrojos; e, como seu coração compassivo não podia ver uma necessidade sem procurar imediatamente remediá-la, era tanta a esmola que dava que chegaram os religiosos a murmurar dele e solicitar do guardião que pusesse oportuno remédio. Entre os muitos infelizes, assinalava-se por sua desolação e sua miséria uma pobre viúva destituída de todo auxílio humano e com a carga de três filhos pequeninos que aumentavam sua dor e sua miséria. Um dia foi esta pobre a pedir esmola à hora de comer: advertiram todos os religiosos que estavam no refeitório que Regalado tomou com grande precipitação muitos pedaços de pão e de carne e, lançando-os na fralda do hábito, ia sair para a portaria. Então o prelado mandou-lhe deter-se diante de todos e disse-lhe: «Grande pressa levais, frei Pedro; que é isso que tendes na fralda?» Turbou-se o santo algum pouco, conhecendo o princípio de onde nascia a pergunta; mas, voltado a si, respondeu: «Padre, levo rosas para dá-las a uma pobrezinha que tem necessidade delas.» «Mostrai-as ao ponto», replicou o guardião. Então o bendito religioso, cheio de um santo pudor, abriu a fralda e viram todos com admiração convertidos em rosas os pedaços de carne e pão que eles mesmos haviam visto antes com seus olhos. Admiraram a bondade de Deus, que tão maravilhoso se manifesta em seus servos; deram-lhe infinitas graças por um feito tão milagroso e, voltando-se a ele o prelado, disse-lhe: «Ide, padre, em nome do Senhor e dai essas rosas à pobre que as necessita; e não somente isso, mas dai quanto for vossa vontade, que para isso no-lo concede liberalmente a divina beneficência.»

Uma das muitas graças com que o adornou o céu em prêmio de sua santa vida foi o dom de profecia, com o qual dizia de antemão os sucessos futuros e via as coisas que estavam muito distantes de sua presença. Uma noite estava com seus religiosos cantando as matinas e, concluídas, mandou que se vestissem alguns ministros as sagradas vestiduras e, precedidos da cruz e do acetre, levou-os à ribeira do rio Douro, que passa por ali perto. Admiravam os religiosos uma determinação tão estranha por todas as suas circunstâncias; mas pouco depois de haver chegado à margem do rio cessaram suas dúvidas e cresceu sua admiração, vendo vir pelo rio e para a parte em que estavam o cadáver de uma mulher que por defender sua castidade se havia precipitado nas águas. Tiraram-no e deram-lhe honrosa sepultura, louvando a Deus, que tais coisas havia revelado a seu servo, pois era impossível que se soubesse o caso por nenhum meio humano. Em outra ocasião mandou tocar a comer e que fossem os religiosos ao refeitório, não obstante o despenseiro lhe haver certificado de que não havia nem um bocado de pão. Mas apenas se sentaram, depois de benzer a mesa, quando chamaram à portaria; acudiu o porteiro e encontrou uma mula carregada de pão e de outros comestíveis; e, tendo-os conduzido ao refeitório, quis recolher a cavalgadura para cuidá-la; mas foi em vão, porque por mais diligências que praticou para achá-la jamais pôde encontrar rastro algum do caminho que havia tomado nem saber de onde havia vindo. Seria coisa muito prolixa referir todos os portentos que obrou a divina onipotência em recomendação da grande virtude deste santo. Basta saber que chegou a estender-se tanto sua fama que até nas partes mais remotas se encomendavam as pessoas piedosas a suas orações nos maiores conflitos, sem que deixassem as mais vezes de conseguir um êxito feliz.

Cheio já de virtudes e merecimentos, macerado seu corpo com indizíveis penitências, enriquecido seu espírito com os dons do Espírito Santo e tendo governado com admirável retidão e prudência até consolidar a reforma, quis Deus levar nosso santo a gozar o prêmio devido a seus trabalhos. No ano de 1456, ao princípio da quaresma, caiu numa enfermidade perigosa, da qual logo entendeu que havia de morrer. Contristavam-se sumamente os religiosos pela perda de um tão exemplar e tão santo padre; só ele estava com o rosto alegre, consolando-os em sua justa dor e exortando-os continuamente à constância no rigor começado. Um dos acidentes de sua enfermidade era um fastio a todo gênero de comida, que lhe fazia quase impossível tomar alimento. Desejoso o médico, pelo amor e veneração que lhe tinha, de encontrar alguma vianda que lhe fosse grata, perguntou-lhe um dia se comeria uma codorniz. Respondeu o santo que sim; mas esta resposta contristou mais a todos, porque naquele tempo era pouco menos que impossível poder satisfazer seu apetite. Mas Deus, que queria glorificar seu servo de diversas maneiras, fez que ao sair o médico do convento lhe viesse à mão uma, à qual acossava o milhafre. Pegou-a e foi muito contente encontrar o santo, lisonjeando-se de que já havia achado com que satisfazer seu apetite e prolongar sua vida. São Pedro tomou a codorniz e, fazendo-lhe muitas carícias e compondo-lhe as plumazinhas que tinha eriçadas, disse: «Preciosa avezinha, Deus te livrou das unhas cruéis de teu inimigo; e será razão que morras agora nas minhas? Não, de nenhuma maneira; anda e louva aquele que te criou e que te livrou da morte.» E, dizendo isto, lançou-a a voar, admirando todos a doçura de seu gênio e aquela generosidade com que preferia a vida de uma ave a sua própria conveniência. Entretanto a enfermidade se ia agravando de modo que conheceu que estava sua morte muito próxima. Dispôs-se para ela com o santo sacramento da confissão e pedindo perdão a seus irmãos com muitas lágrimas dos defeitos que lhes houvessem podido servir de escândalo ou de moléstia. Depois recebeu com suma devoção o santíssimo sacramento da Eucaristia; e, querendo os religiosos administrar-lhe o da extrema-unção, o santo, que via com iguais olhos o

presente que o futuro, mandou-lhes que esperassem a que viesse o bispo de Palência, que então era dom Pedro de Castela, sobrinho do rei dom Pedro, a quem Deus havia inspirado para que fosse fazer-lhe esta última honra. O sucesso acreditou a verdade da profecia; pois dali a pouco chegou o bispo e administrou-lhe a extrema-unção. Feito isto, mandou a seus religiosos que rodeassem a pobre cama em que jazia e rezassem as orações e salmos que para este fim tem a Igreja; e, enquanto eles, cheios de fervor e afogados em lágrimas, recomendavam a alma de seu santo padre, este levantou as mãos ao céu e, dizendo: «Em tuas mãos, Senhor, encomendo meu espírito», entregou-o nas mãos de seu Criador com suma tranquilidade. Morreu no dia 30 de março do ano expressado e aos sessenta e seis de sua idade; e seu corpo foi sepultado no sepulcro comum dos demais religiosos, como ele havia pedido com muitas ânsias antes de morrer, receoso de que os religiosos quisessem fazer-lhe alguma distinção.

Mas Deus, a cujo cargo está o cuidar de que sejam honrados e venerados seus servos, exaltou-o com tantos e tão estupendos milagres que por sua multidão não permitem referir-se aqui. Muitos que haviam morrido violentamente ou de enfermidade recobraram a vida pondo-se seus cadáveres sobre o sepulcro do santo. Iguais benefícios receberam coxos, mancos, cegos, tolhidos, empestados, feridos e enfermos de qualquer perigosa doença; de maneira que ninguém chegava a implorar sua proteção em seu sepulcro que se fosse desconsolado. Um dia chegou um pobre a pedir esmola ao porteiro, o qual lhe disse que não tinha nada para dar-lhe. Foi o pobre ao sepulcro de São Pedro e orou assim: «Ó santo varão! Se tu vivesses hoje, não sairia eu daqui desconsolado e sem esmola para não perecer de fome.» Ao dizer isto, ó misericórdia de Deus!, abriu-se o sepulcro e, estendendo o santo a mão, deu um pão àquele infeliz, que foi por todas as partes apregoando a maravilha. A este teor eram tantas as que Deus obrava por seu servo que somente nos seis meses primeiros depois de sua morte se justificaram cento e vinte e oito milagres, por deposição das pessoas que foram dar graças ou apresentar seus votos pelos benefícios recebidos.

Trinta e seis anos permaneceu o corpo de São Pedro no lugar humilde em que havia sido enterrado; mas foi glorificado com grande cópia de milagres e honrado pelo grande concurso de gentes de todas as jerarquias que concorriam a implorar seu patrocínio e venerar suas relíquias. Reis, príncipes, prelados, povos inteiros viam-se ir continuamente publicando a santidade de São Pedro e pedindo que seu corpo fosse trasladado a mais decente sepulcro. Mas isto não se verificou até o ano de 1492, dia 15 de maio, em que, tendo-se construído um magnífico sepulcro de alabastro por ordem da rainha Isabel na capela-mor, ao lado do evangelho, desenterrou-se o sagrado cadáver e trasladou-se ali com grande pompa e aparato, assistindo à procissão a mesma rainha, muitos bispos e grandes e o clero e religiosos dos povos circunvizinhos. Ao tempo de fazer a exumação, achava-se presente a rainha Isabel, que para este efeito havia acudido desde Granada depois de sua conquista, deixando lá o rei para cuidar da cidade enquanto ela dava graças a Deus pela vitória. Apesar de o lugar em que estava sepultado ser sumamente úmido, acharam o corpo inteiro e incorrupto, fresco e flexível, e o odor fragrantíssimo que exalava difundiu-se pelo convento e até pelos campos vizinhos. Admirada a rainha daquela maravilha e desejosa de que o rei seu marido o visse e louvasse a Deus em seus santos, mandou que lhe cortassem uma mão para enviá-la por relíquia a seu esposo. Executou-se assim, e saiu o sangue tão fresco e encarnado como se estivesse vivo, recolhendo-o em lenços que embeberam nele e que se conservam no convento de Aguilera entre as mais preciosas relíquias. Com estes portentos

cresceu a fama de sua santidade tanto que até os reis, príncipes, arcebispos, núncios apostólicos e o rei Filipe III, com sua esposa Margarida de Áustria e o príncipe herdeiro, foram visitar o santo e implorar seu favor nos sucessos calamitosos, recebendo sempre os prêmios devidos a sua fé e a tão piedosos atos de religião. Não omitiram os religiosos diligência alguma para justificar na forma devida tanto a veneração e culto que tributavam os fiéis a este grande servo de Deus como os inumeráveis prodígios e milagres que por sua intercessão fazia Deus cada dia; e, achando o santo padre Urbano VIII que um e outro correspondia à informação que se fez de suas heroicas virtudes, declarou-o santo em 24 de junho do ano de 1683 [^1]. Celebra-se sua festa com ofício e missa próprios, por decreto de Inocêncio XI, expedido a 13 de maio, que quis que todos os fiéis gozassem o consolo de ter no discurso do ano um dia destinado à invocação deste grande penitente, deste exemplo de prelados e norma de corações caritativos.

Martirológio Romano

Em Roma, a Dedicação da igreja de Santa Maria dos Mártires, feita pelo bem-aventurado papa Bonifácio IV, o qual, depois de haver purificado este antigo templo dedicado a todos os deuses com o nome de Panteão, o consagrou em honra da bem-aventurada sempre Virgem Maria e de todos os mártires, no tempo do imperador Focas.

Em Constantinopla, São Múcio, presbítero e mártir, que, depois de haver padecido muito por defender o nome de Jesus Cristo na cidade de Anfípolis, sob o procônsul Laodício e o imperador Diocleciano, levado dali a Bizâncio, foi decapitado.

Em Heracleia, Santa Glicéria, nascida em Roma, martirizada no tempo do imperador Antonino e do presidente Sabino.

Em Alexandria, a comemoração de muitos santos mártires que foram mortos pelos arianos na igreja de São Teonas em ódio da fé católica.

Em Maastricht, São Servácio, bispo da igreja de Tongres, cujo mérito manifestou Deus, porque, quando toda aquela comarca estava coberta de neve no inverno, jamais chegou a cobrir-se sobre seu sepulcro, até que os habitantes edificaram sobre ele um templo. Na Palestina, São João, o Silencioso.

Em Valladolid, São Pedro Regalado, confessor, da ordem dos Irmãos Menores, restaurador da disciplina regular nos conventos da Espanha, a quem canonizou o papa Bento XIV.

Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, qui dilectum famulum tuum Petrum, carne mortificatum, ad delicias gloriæ tuæ assumere dignatus es: concede propitius, ut ad delectationes, quæ in dextera tua sunt usque in finem, meritis ejus et intercessione pervenire valeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que vos dignastes levar a gozar das delícias de vossa glória vosso amado servo Pedro, depois das mortificações que em seu corpo havia sofrido, concedei-nos, misericordioso Senhor, que por seus méritos e intercessão possamos chegar às eternas delícias que nos tendes preparadas para sempre à vossa destra. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 31 da Sabedoria (o livro é o Eclesiástico), e a mesma do dia 12.

Eclesiástico 31,8-11

> **Latim:** 8 Beatus dives qui inventus est sine macula, et qui post aurum non abiit, nec speravit in pecunia et thesauris. 9 Quis est hic ? et laudabimus eum : fecit enim mirabilia in vita sua. 10 Qui probatus est in illo, et perfectus est, erit illi gloria æterna : qui potuit transgredi, et non est transgressus ; facere mala, et non fecit. 11 Ideo stabilita sunt bona illius in Domino, et eleemosynas illius enarrabit omnis ecclesia sanctorum.

Português: 8 Bem-aventurado o rico, que foi achado sem mancha e que se não deixou ir após o ouro, nem esperou no dinheiro, nem nos tesouros. 9 Quem é êste, e nós o louvaremos? Porque fêz coisas maravilhosas em sua vida. 10 Ao que foi provado no ouro, e se achou ser perfeito, isto lhe servirá de glória eterna: O que pôde transgredir a lei de Deus, e não a transgrediu: O que pôde fazer mal e não o fêz: 11 Por isso os seus bens foram assegurados no Senhor, e toda a igreja dos Santos celebrará as suas esmolas.

Reflexões

Bem-aventurado o varão, diz o Espírito Santo, *que foi encontrado sem mancha.* Que diverso linguajar o que usa Deus do que usa o mundo quando se trata de definir a verdadeira felicidade dos homens! Deus chama ventura a tudo aquilo que de ordinário é olhado do mundo com tédio, com temor, com aborrecimento. O padecer perseguições, o estar consumido e abismado pela pobreza, o alimentar-se com o pão da tribulação e das lágrimas, numa palavra, o ser objeto da

contradição do mundo e de seu desprezo, é felicidade e bem-aventurança segundo o espírito de Deus. Assim clama de contínuo nas sagradas Escrituras: Bem-aventurados os pobres, bem-aventurados os que choram, bem-aventurados os que são perseguidos e bem-aventurados os que foram achados sem mancha. Pelo contrário, o mundo não encontra felicidade senão nas riquezas, nos deleites, nos passatempos e num teor de vida livre de toda mortificação e miséria. Chama felizes os príncipes poderosos, os astutos ministros, os grandes orgulhosos, as mulheres mundanas e todos aqueles que servem sem reserva à ambição, à avareza ou à torpeza. Bem-aventurados, diz, os ricos que com um metal encantador se proporcionam a satisfação de todos os seus desejos; bem-aventurados os que riem no festim, no passatempo, celebrando com zombarias e chocarrices o contratempo de seu inimigo, o infortúnio sobrevindo a seu rival e as misérias de todos; bem-aventurados, enfim, aqueles que jamais viram o rosto carrancudo à tribulação nem correram suas lágrimas por outro motivo que por um excesso de alegria; sempre contentes, sempre abastecidos, sempre servidos e celebrados de todos.

Mas quem terá razão, quem qualificará as coisas segundo são em si mesmas, sem trocar as ideias nem fazer uma confusa mistura da mentira e da verdade? Quem será o que nos dê uma instrução sólida sobre nossa verdadeira felicidade: Deus ou o mundo? Se fossem nossas paixões as que houvessem de dar resposta a estas perguntas, desde logo se declarariam em favor deste último. Mas, se se consulta a razão e a experiência, achar-se-á que Deus, que é verdade por essência e que nos amou até o ponto de dar seu Filho unigênito por nossa redenção, é o único que nos diz a verdade e o que nos assinala o caminho verdadeiro para conseguir a bem-aventurança. «Se por casualidade, diz Santo Agostinho [^2], tendes riquezas, honras ou dignidades, não penseis que sois por isso felizes. Para o que sabe alegrar-se no Senhor e entende qual é o fim e paradeiro das coisas deste mundo, sua felicidade não é honra, mas peso.»

Evangelho

O evangelho é do capítulo 12 de São Lucas, e o mesmo que o do dia 12.

Lucas 12,35-40

> **Latim:** 35 Sint lumbi vestri præcincti, et lucernæ ardentes in manibus vestris, 36 et vos similes hominibus exspectantibus dominum suum quando revertatur a nuptiis : ut, cum venerit et pulsaverit, confestim aperiant ei. 37 Beati servi illi quos, cum venerit dominus, invenerit vigilantes : amen dico vobis, quod præcinget se, et faciet illos discumbere, et transiens ministrabit illis. 38 Et si venerit in secunda vigilia, et si in tertia vigilia venerit, et ita invenerit, beati sunt servi illi. 39 Hoc autem scitote, quoniam si sciret paterfamilias, qua hora fur veniret, vigilaret utique, et non sineret perfodi domum suam. 40 Et vos estote parati : quia qua hora non putatis, Filius hominis veniet.

Português: [35] Estejão cingidos os vossos lom- bos, e nas vossas mãos tóchas ac- cesas; [36] e sede vós-outros semelhantes aos homens, que esperão a seu senhor, ao voltar das vodas: para que, quando vier, a bater á porta, logo lha abrão. [37] Bemaventurados aquellos servos, a quem o senhor achar vigiando, quando vier: na verdade vos digo, que elle se cingirá, e os fará sentar á meza, e passando por entr'elles, os servirá. [38] E se vier na segunda vigilia, e se vier na terceira vigilia, e assim os achar, bemaventurados são os taes servos. [39] Mas sabei isto, que se o pai de familia soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida, e não deixaria minar a sua casa. [40] Vós-outros pois estai apercebi- dos: porque á hora, que não cuidais, virá o Filho do homem.

Meditação

Sobre as diversões e complacências desta vida

Primeiro ponto

Considera que, segundo o ditame do angélico doutor Santo Tomás, as diversões e alegrias deste mundo são para o cristão o mesmo que para um enfermo as medicinas.

Três condições deve ter uma medicina para conseguir-se o efeito desejado: deve não ser nociva, não ser perigosa nem demasiadamente contínua; pois da mesma maneira há de ser a diversão. Em primeiro lugar, deve carecer de todo pecado; porque, se não se pode lograr sem cometer ofensas contra Deus, já é contrária ao fim para que se elege, que é a moderada recreação do ânimo. Considera, pois: como poderão ser-te lícitas aquelas conversações em que se desenfreia a liberdade para murmurar de teu próximo, ridicularizar suas ações e censurar sua conduta? Como podes dar o nome de diversão à leitura de certos livros ímpios ou escandalosos, que debilitam a fé, diminuem o respeito e reverência que se deve às coisas sagradas e divinas e enchem o coração de uma obscena peçonha que envenena a honestidade e os costumes? Como te será lícito divertir-te naquele sarau a que concorrem pessoas profanas, que com seu aspecto e conversações livres te contaminam, te escandalizam e dão contigo e com tua inocência num precipício? Semelhantes diversões são realmente uma sentina de culpas e portanto ilícitas ao cristão.

Em segundo lugar, devem não ser perigosas; porque escrito está que o que voluntariamente se põe no perigo perecerá nele. Jamais chegam os homens à demência de pôr em perigo a vida por adquirir alguma maior robustez no corpo; nem haverá enfermo tão inconsiderado que tome um copo de medicina sabendo que, tomando-a, pode correr sua vida grande perigo, mormente se sabe que não há necessidade alguma de tomar precisamente aquela medicina, mas que há outras várias inocentes com as quais não periga sua saúde. Assim obram os homens a respeito da vida temporal: e seremos tão néscios que sigamos diversa conduta quando se trata da vida eterna? Por uma diversão momentânea e passageira, será justo que se ponha esta em perigo? Não é uma necedade criminosa, havendo tantas diversões inocentes com que recrear o ânimo das fadigas que te causam as indispensáveis obrigações de teu estado, eleger precisamente aquelas em que pões tua vida eterna em perigo? Examina tua consciência; repassa tua vida; pergunta a tua mesma

experiência: que fruto tiraste de tais e tais diversões? Lembra-te se depois delas tiveste que chorar aos pés do confessor a perda da divina graça e recuperar com jejuns e arrependimentos o que em poucos minutos te roubou uma risada passageira e uma diversão desregrada e perigosa. Numa palavra, sempre que expuseres a algum detrimento tua alma, sempre que na diversão haja algum secreto veneno que vá pouco a pouco esfriando tua devoção, levando-se o tempo destinado a piedosos exercícios, retraindo-te da continuação dos atos virtuosos em que te havias exercitado ou seduzindo de qualquer outra maneira teu coração para que caia na desonestidade, na avareza, na impiedade, na indevoção ou em outro laço de Satanás, tal diversão é perigosa e por conseguinte deves fugir dela.

Mas suponhamos que é tal que nem tem em si culpa nem nela encontrou tua consciência perigo. Todavia resta-lhe outro inconveniente que evitar, e é o da imoderada continuação. Um pouco de diversão, dizia Aristóteles, basta para reparar a vida, assim como um pouco de sal é suficiente para condimentar os alimentos; e outro gentio, Cícero, dizia que se há de usar dos jogos e recreações como do sono, com parcimônia. Os remédios deixam de sê-lo e até chegam a ser venenos verdadeiros quando se tomam numa quantidade excessiva. Da mesma maneira as diversões dirigidas à recreação do ânimo deixam de ser úteis quando se frequentam demasiado ou nelas se consome uma considerável e preciosa parte de tempo. Sendo isto assim, que juízo poderemos fazer daqueles homens dissipados que parece não terem nascido para outra coisa que para empregar-se em diversões contínuas? Como poderão ter tranquilas suas consciências aquelas mulheres que, ainda que não dão entrada aos excessos contrários à honestidade, desejam e procuram que se sucedam sem interrupção as diversões e passatempos? É possível que um cristão não haja de encontrar gosto e alegria senão em dissipar lastimosamente as horas destinadas a merecer a eterna bem-aventurança! Quão digno é de compaixão!

Segundo ponto

Considera os danos que nascem das diversões mais comuns que se estilam na sociedade, quais são o jogo, os festins e o baile.

Eles são, na verdade, tantos em número e de tanta transcendência que somente a falta de consideração pode fazer que os homens se entreguem a semelhantes diversões. Porque que vício falta onde chega a acender-se a paixão pelo jogo? Pouco a pouco entra dominando a avareza: esta se apodera do coração e enxota dele a amizade, a honestidade, a decência, o cuidado solícito das obrigações: que mais? Faz que o jogador transgrida todas as leis do amor que prescreve a natureza e os direitos supremos devidos à divindade. Ainda que no princípio te sentes à mesa de jogo com indiferença, com desinteresse e com intenção determinada de não fazer mais que recrear o ânimo, dentro de pouco advertirás que se vai acendendo o fogo da avareza e que consome aqueles racionais propósitos.

A isto se acrescenta que entre os jogadores nunca deixa de haver raiva e desespero e por conseguinte todas as desordens que a isto se seguem. As palavras obscenas costumam passar com o nome de chistes e graças; as blasfêmias e maldições têm-se por desafogos toleráveis naquele que perde; a boa-fé padece suas feridas quando se declara a sorte em favor da avareza; o

temor, a esperança e mil afetos contrários despedaçam o coração e envolvem a alma num abismo de confusão e de delitos. Se perdes, dissipas os bens que te concedeu o céu para a manutenção de tua família; reduzes talvez tua inocente mulher e teus ternos filhos a uma estreiteza e miséria vergonhosa; descuidas entretanto sua educação e a de teus criados; pões-te em perigo de cometer mil ruindades e bastardias e ficas com o eterno pesar de haver aventurado a um cego golpe de fortuna o que ganhaste com tantos cuidados, suores e fadigas. Se ganhas, és ocasião de produzir em outra família estes mesmos males: logo, de qualquer maneira, o jogo em que aventures somas consideráveis não somente é perigoso, mas é ilícito, é injusto, é execrável.

Igual juízo se pode fazer, sem perigo de enganar-se muito, daquelas diversões conhecidas com o nome de festins. Deus imortal, quantas desordens, quantos excessos, quantas abominações e delitos no que se reputa por uma diversão! Acaso pretenderás enganar-te dizendo que tu não vais ali por nenhum fim torcido e que a caridade te ensina que deves julgar o mesmo de teu próximo? Mas isto não é outra coisa que uma ilusão especiosa com que se procuram escusar os excessos das paixões. Atende antes às obras de cada um e julga depois dos fins que puderam propor-se antes de executá-las. Não procura toda mulher apresentar-se com os adornos que mais façam ressaltar sua natural formosura? Não se empregam com profusão cabedais, tempo, artifícios e quanto tem a natureza de precioso para lograr este efeito? Os homens, por sua parte, não se previnem solícitos de todos os atrativos que conhecem poder fazer impressão nos corações débeis? Cada pessoa não é um objeto de escândalo, que se tem por inútil quando não logrou enredar em seus laços alguma das almas que tiveram a desgraça de assistir a tão iníqua assembleia? Não se vê palpavelmente andar por toda a sala do festim a palavra obscena, a vista provocativa, a ação torpe, o movimento lúbrico, a risada descomposta, a dança licenciosa, a solicitação, a murmuração, a desonestidade e todos os monstros do abismo? Não se pode negar isto, nem que o festim é o meio mais oportuno de que se vale o comum inimigo para dar em terra com aquela virtude que não pôde derrubar de outro modo. Nesta matéria sabe que obram de concerto com ele todos os cristãos: uns alargando o Evangelho para fazer que permita um gênero de divertimentos em que perigam as almas; outros persuadindo-se nesciamente de que os conselhos dos padres espirituais e as ameaças dos ministros de Deus nascem mais da severidade de seu gênio que dos preceitos da moral; outros excitando, outros solicitando, outros consentindo que a matrona honrada e a inexperta donzela vão pôr sua inocência num manifesto perigo; e todos, finalmente, contemporizando com os desígnios daquele infernal dragão que, segundo a expressão de São Pedro, anda continuamente ao redor de nós com desejos de devorar-nos. À vista destes danos tão atrozes, poderá um cristão aventurar em tais diversões uma alma cuja redenção custou a Jesus Cristo verter todo o seu sangue e morrer numa cruz?

Jaculatórias

> *Lætabor et exultabo in te, psallam nomini tuo, Altissime.* Sl 9.

Ó altíssimo e amabilíssimo Deus meu, minhas complacências e regozijos serão sempre em ti e em exaltar teu santo nome.

> *Non sedi in concilio ludentium, quoniam comminatione replesti me.* Jr 15.

Movido, Senhor, de tuas justas ameaças, nem me sentei nem me sentarei jamais à mesa dos que consomem em jogos ilícitos o tempo destinado por vós a lavrar a coroa da bem-aventurança.

Propósitos

As honestas e moderadas recreações não estão proibidas nem pelo Evangelho nem por nenhuma outra lei divina nem humana. Não há teólogo tão severo que não admita a virtude chamada na filosofia moral eutrapelia, a qual conserva um meio entre a vida demasiadamente triste e austera e aquela que não é outra coisa que uma contínua sucessão de diversões e alegrias; de maneira que o ofício desta virtude é regular os divertimentos e recreações segundo as regras da honestidade e os ditames da razão. Deus Nosso Senhor, que conhece perfeitamente nossa fraqueza, como que é uma das penas que impôs à primeira transgressão, sabe que não somos capazes de estar sempre num trabalho não interrompido. Sua misericórdia apiedou-se de nossa miséria, concedendo-nos algum tempo para empregá-lo em descansar de nossas fadigas, reparar as forças perdidas e cobrar novo vigor para os exercícios futuros. Daqui nasce a consequência de que as honestas recreações nos são lícitas pela lei da necessidade, que é a suprema entre todas as leis.

Mas disto mesmo se deduz também que o homem efeminado, o ocioso, o que segue continuamente os usos e costumes do mundo, já estando sempre numa vergonhosa inação, já empregando sua vida em jogos, festins e espetáculos, não pode licitamente consumir tempo algum em divertir-se; e por conseguinte cada diversão para este, ainda que ela por si seja inocente, é pecaminosa. A razão é manifesta; pois, sendo as diversões, segundo Santo Tomás, uma espécie de medicina concedida unicamente para reparar as forças perdidas com o trabalho, é claro que não pode nem deve tomá-la o que de nenhuma maneira pode reputar-se por enfermo desta classe, visto que sempre está ocioso. E assim até o uso das diversões lícitas lhe é nocivo e ilícito, por causa de que sua intenção está continuamente danada. Infere-se igualmente que as diversões perigosas, ainda que possam reparar as forças realmente perdidas no trabalho, não são lícitas, porque põem em perigo a saúde da alma, que deve preferir-se à própria vida. Finalmente infere-se que toda diversão que é contrária a seu fim, ou por sua natureza ou por suas circunstâncias, isto é, porque está proibida pelas leis, como os jogos de envite ou outros semelhantes, ou porque pelo excesso da quantidade que se aventura, pela perda do tempo, pelo descuido das obrigações, pelos perigos ou escândalos, chega a ser frequentemente nociva à consciência, não é de nenhuma maneira lícita.

Pais e mães de família, que, não contentes com a ruína que causais em vós mesmos e com descuidar a boa educação de vossos filhos e criados, expondes a inocência e sorte de umas jovens

inexperientes, conduzindo-as aos festins para que sejam a isca dos insolentes olhares e para que por sua parte sintam no terno peito todo o fogo da vaidade e da concupiscência, olhai o que fazeis; e, já que não tendes piedade de vossas almas, tende-a ao menos daquelas inocentes, que perecem as mais vezes não tanto por excesso de malícia como por defeito de instrução e experiência. Todos os filhos se persuadem de que caminham seguros seguindo os conselhos e exemplos de seus pais: portanto, estes serão responsáveis por seus vícios e deslizes; as mães de família haverão de dar conta a Deus não só dos escândalos que ocasionaram com a vaidade própria, mas dos que causam suas filhas, de quem são diretoras e mestras.

[^1]: O texto original traz «Urbano VIII» e «1683»; as datas não conferem entre si (Urbano VIII morreu em 1644), e o Martirológio Romano deste dia atribui a canonização a Bento XIV (1746).
[^2]: Santo Agostinho, Sermão «501», conforme o OCR (a numeração do sermão parece alterada).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:48:07 by Admin
Updated 20 November 2026 20:48:07 by Admin